

A angústia e suas relações com o princípio de prazer

Luiz A. M. Celes

Na primeira teoria da angústia, a eficácia do princípio do prazer a produz como efeito colateral; na segunda, é seu desempenho insuficiente que a desencadeia.

É situação embaraçosa insistir em realizar reflexões sobre a angústia. Isto porque, por um lado, parece tema já bastante discutido, como não havendo mais nada que falar ou acrescentar que possa trazer algum ganho para o esforço de precisão e delimitação desse tema psicanalítico, como podemos, em certo sentido, definir nosso interesse. Por outro lado, a “angústia” não deixa de se impor ou não deixa de renovar exigências de reflexões, seja por sua presença na prática cotidiana dos analistas, seja como questão a ser compreendida teoricamente. Por um terceiro motivo é embaraçoso retomar o tema da angústia: apesar de toda familiaridade cotidiana dos analistas com a angústia e apesar de toda reflexão empreendida, ela não se converteu em um “cabo da boa esperança”, como se diz daquele que outrora foi “da tormenta”. Como se a angústia jamais oferecesse passagem dócil às nossas reflexões, mas se constituísse sempre, mais cedo ou mais tarde, no fim de toda aventura de compreensão: lugar de naufrágio de nossos esforços de metaforização. Talvez não por falta de empenho ou criatividade dos analistas, mas, parafraseando Freud, pela natureza mesma do assunto.

Acontece, portanto, que além de incompleta, a reflexão sobre a angústia deixa sempre um sentido de insatisfação, como se fosse inócuo qualquer esforço de compreensão, não obstante serem possíveis algumas delimitações que não deixam de proporcionar ganhos para o seu entendimento. Nem que isto se deva a um certo acostumar do ouvido à queixa e à reflexão da angústia. Isto posto, convém observar que não pretendemos trazer uma contribuição de novo entendimento sobre a angústia, nem de completar qualquer um já

Luiz A. M. Celes é psicanalista, doutor em Psicologia Clínica (PUC-Rio); professor na Universidade de Brasília.

realizado e muito menos esboçar tentativas de solucionar suas questões. Nosso propósito é simplesmente o de salientar certo aspecto, já presente no texto de Freud, mas que nossa fala cotidiana sobre a angústia parece fazer calar ou não estar suficientemente enformada. Assim, faremos uma reflexão parcial. Mas uma reflexão que se contentará em ser tão somente indicativa de tal parcialidade. Poderíamos defini-la: uma reflexão avocatória.

1.

Dizíamos que a angústia está presente no dia a dia das análises, onde ela comparece de diversas maneiras, exigindo compreensões, posturas ou intervenções dos analistas as mais variadas. Faz-se presente na análise como queixa, mais freqüente ou mais eventual, mais ou menos crônica ou episódica, em qualquer caso, como queixa e demanda de alívio. Não é raro a angústia estabelecer-se na forma da transferência, como seu prenúncio ou sua conseqüência. Por vezes, ganha destaque como fenômeno próprio à análise, como efeito do ato analítico, entendida até mesmo como condição de progresso analítico, ou, por outras vezes, como fator indicativo daquilo que se convencionou chamar “reação terapêutica negativa”. Além destes modos de apresentação no cotidiano da análise, a angústia pode constituir-se no motivo para a análise (dito mais tecnicamente, na “demanda de análise”). Assim, ela, independentemente de expressar-se em queixas, constitui-se no próprio quadro clínico (para não dizer estrutura), exigindo do analista uma resposta em duplo sentido: no sentido da aceitação, como se diz, da demanda de análise e no sentido de compreensão da função da angústia, que parecendo, nesses casos, sobrepassar sintomas e inibições, apresenta-se como fenômeno que

faz perguntar por ‘estrutura’ clínica específica a exigir uma particular “condução da cura”. Foi exatamente na perspectiva deste último caso que a angústia inicialmente se impôs a Freud como questão, desde os seus esforços ditos “pré-analíticos”.

Antes de definir, isto é estabelecer a estrutura e os limites daquilo que se constituiria o campo primeiro e próprio da psicanálise, as psicose ou neuroses de defesa,

freudiana; e não estamos nos referindo aqui à angústia de Freud. Dizemos valor pulsional no pensamento psicanalítico, no sentido da exigência originária de trabalho que este conceito psicanalítico envolve. No âmbito inicial da construção psicanalítica, a angústia tem essa função destacada de exigência de trabalho que impulsiona a elaboração, não importando que outros fatores ou fenômenos também ocupem lugar semelhante.

Em Freud, está presente um certo aspecto da angústia que nossa fala cotidiana parece calar ou ser incapaz de exprimir.

a diluição da angústia impôs-se a Freud como exigência e meio de discernimento: como exigência de destaque de determinado quadro no qual ela era prevalente, que se configurou no conceito de “neurose de angústia”, e como meio de distinção, no amplo quadro que se apresentava ao saber médico como neurastenia, entre neurastenia propriamente dita e neurose de angústia, ela mesma¹. Assim, a angústia se apresenta como questão ao empreendimento clínico de Freud e como exigência, mas também possibilidade, de elaboração teórica. Se lembrarmos que estas foram uma das primeiras conquistas do pensamento depois tornado psicanalítico, podemos compreender o valor pulsional, como que por assim dizer, que a angústia teve na construção

A resposta que então Freud deu à questão da angústia também é consabida: “a angústia surge por mudança da tensão sexual acumulada”, deve-se a uma “acumulação física de excitação”². Trata-se de uma transformação direta, se se pode dizer assim, da libido em angústia. Não obstante certa similaridade que Freud vê entre a neurose de angústia e a histeria, pela característica comum de certa estase da excitação, a neurose de angústia é compreendida como neurose atual, conceito que, oposto ao de psicose, nomeia a ausência de participação psíquica em sua geração. À histeria, ao contrário, Freud credits uma certa participação psíquica na determinação da estase de excitação. Tal participação psíquica, mesmo antes de ser elaborada teoricamente através do

conceito de defesa, é para Freud indicada pelos efeitos catárticos de certas ações psíquicas sobre a excitação acumulada, como o método de expressão em palavras de Breuer ou a sugestão hipnótica de Charcot e de Bernheim. Dessas às últimas formulações de Freud sobre a angústia, muitas transformações aconteceram, por vezes parciais, por outras vezes de caráter mais global. Para nossos interesses

Na primeira formulação freudiana, a angústia é paradoxalmente efeito de uma ação que obedece ao princípio do prazer: o recalque.

aqui, vale a pena marcar seu primeiro e seus últimos passos.

O passo mais imediatamente notável foi o de estabelecer uma forma de psicose que se caracteriza pela angústia, a que Freud deu o nome de "histeria de angústia". Sem abandonar explicitamente a idéia de neuroses atuais, como que a reservando de lado, e trazendo dela a compreensão da mudança da libido em angústia, Freud estabelece para a histeria de angústia a participação psíquica, sob, pelo menos, dois aspectos: primeiro, na constituição da angústia como conseqüência do recalque (mudança da ten-

são sexual acumulada devido a seu impedimento de satisfação por causa do recalque); segundo, no incessante trabalho psíquico de religação da angústia assim liberada, o que determina os sintomas característicos da histeria de angústia, as fobias e inibições conseqüentes compreensão essa que aparece plenamente desenvolvida, em 1909, no Caso Joãozinho, por exemplo.

Na mesma perspectiva ou derivada dela, com algumas modificações que trarão conseqüências profundas, é compreendido o caso do Homem dos Lobos: a angústia de castração elicia o recalque de moções sexuais (e/ou erótico agressivas), cujo afeto, por impedimento de satisfação imposto pelo recalque, e sob a ação de certos mecanismos, se expressa na forma da fobia, isto é, da angústia ligada a um objeto. O que há de novidade nesse caso é a indicação da função da angústia (de castração) na constituição do recalque, isto é, a angústia entendida como motivo ou eliciadora do recalque (recalque como mecanismo de impedimento de desenvolvimento da angústia), e não simplesmente como conseqüência dele. Mas esta questão somente será amplamente reconhecida como uma nova perspectiva para a compreensão da angústia nos últimos empenhos de Freud para tematizá-la.

O que se observa de característico na primeira formulação freudiana, a idéia de que a libido acumulada se muda em angústia, é que a produção da angústia fica entendida como efeito do princípio de prazer, segundo o qual o acúmulo de excitação não deve ultrapassar determinado nível, a respeito do que o "organismo" providencia descargas, mesmo no caso de o resultado final ser um sentimento de desprazer. (Observemos que a idéia de um sentimento de desprazer resultado da ação do princípio de prazer é alguma coisa que traz dificuldades de sustentação desta primeira "teoria da angústia", podendo ser com-

preendida como um dos fatores que encaminham para novas compreensões.) Já com a introdução de uma elaboração metapsicológica da angústia, na forma em que se constitui eliciadora do recalque, ela pode ser entendida não como efeito do princípio de prazer, mas como sua coadjuvante ou aliada, segundo sua assimilação ao processo secundário que recalca ou simplesmente adia a satisfação pulsional para precisamente evitar o desprazer decorrente desta mesma satisfação. Mas nesta perspectiva, a formação do *sin-toma* de angústia (a fobia) continua entendida como efeito do princípio de prazer. Em todo caso, a diversidade de funções da angústia impõe a falácia do esforço de uma compreensão unitária, como queria ser aquela da mudança em angústia da libido acumulada. Impõe também o entendimento de uma certa independência entre a fonte da libido e a fonte da angústia. Mas aqui já nos encaminhamos para as últimas formulações freudianas sobre o tema.

Os últimos passos freudianos, designemo-los no plural, pois seus textos derradeiros sobre a angústia representam uma tentativa de sistematização de diversas e pequenas mudanças elaboradas por muitos anos e introduzem, não obstante e até mesmo pelo esforço de sistematização, transformações na compreensão da angústia que expressam questões absolutamente novas. É acolhendo impasses como os introduzidos no parágrafo anterior que uma nova "teoria da angústia" é formulada. Esta segunda teoria da angústia por vezes entendida como terceira (para o que a introdução da compreensão psiconeurótica da angústia é, grosso modo, entendida como a segunda teoria) traz uma rearticulação completa do tema e da compreensão do fenômeno da angústia que, para nossos interesses aqui, pode ser resumida. A angústia não é mais entendida como mudança direta da libido, mas como reação a determi-

nada situação (ou acontecimento), entendida como situação de perigo. Desta maneira, se a fonte da angústia não é mais a libido, é outra também a sua origem. Sendo o isso origem e fonte da libido e sendo, ainda, passivo, a não ser em sua função pulsante, é ao eu que Freud credita a função de reação às situações ou acontecimentos, dentre elas, aquelas vividas como perigo. O eu se faz fonte e origem da angústia e mesmo seu reservatório³.

Por outro lado, mas em continuidade com estas concepções, a angústia é compreendida como um sentimento, sentimento de desprazer, constituindo-se assim em uma das muitas versões do que Freud entende por afeto, a ponto de designá-la

Perde-se, nesta nova compreensão, a possibilidade de designação da, se nos permitem falar assim, “energia” da angústia. Aliás, nos dois últimos textos citados, Freud nem sequer explicitamente anuncia resposta para esta questão, senão de maneira muito indireta que exige do leitor um certo trabalho de hermenêutica ou de ligação por conta própria. Assim fazendo, poderíamos entender a *quota* da angústia como uma certa derivação daquilo que Freud chama “libido do eu”, fruto do investimento narcísico e transformada ou derivada em pulsão de autoconservação (nessa hipótese, a angústia seria entendida como produto de uma segunda mudança da libido). O afeto-angústia então ganha também

uma teoria do afeto⁴. Como ilustra a rápida aproximação que fizemos da angústia com o afeto, na compreensão do afeto, encontramos o pensamento freudiano mais do que simplesmente sob o efeito de um movimento de balança, isto é, uma inclinação do plano de sua consideração. Parece muito mais estarmos diante de um dispositivo de balança, aquele que se inclina, para um lado ou para o outro, sob efeito de um contrapeso, contrapeso este na compreensão do afeto jamais propriamente explicitado: entre quota e sentimento, o afeto balança (se nos permitem verbalizar o substantivo) ao sabor de exigências não explicitadas ou nem sempre suficientemente explicitadas. O embaraço que a angústia, como fenômeno e como tema, nos traz parece carregar o mesmo do afeto (como fenômeno e tema), a saber, uma espécie de falta de rendimento ou de ganho em se deter sobre a angústia (ou o afeto); seja como fenômeno que vivenciamos ou observamos (e, claro, somente o observamos na forma da queixa), seja como tema que refletimos, à angústia e ao afeto faltam palavras. E estamos dizendo de falta metafórica. A angústia ao mesmo tempo que promete possibilidades infindáveis de metaforização, parece encontrar seus limites muito antes de outros temas psicanalíticos.

A quota de angústia pode ser compreendida como um derivado do investimento narcísico do Eu, transformado em pulsão de auto-conservação.

“afeto-angústia”. É notável uma certa balança na noção de afeto: de afeto como energia sexual mudada, ao que se aplica confortavelmente a idéia de uma certa *quantidade*, nomeada na expressão “quota de afeto”, para a de afeto como sentimento ou reação e, no caso específico do afeto-angústia, reação à mesma quantidade de energia acumulada, excedente ou “não ligada” que anteriormente é entendida como mudada em angústia, em afeto.

ou recupera o sentido de uma certa quota ou quantidade de energia, ao lado do de sentimento de desprazer, reação do eu a situações de perigo. Ancorar a angústia no afeto é, como vemos, duplicar as questões. Isto porque a própria teoria do afeto, se é que podemos falar em teoria do afeto no pensamento freudiano, é, toda ela, vazada de questões, a tal ponto que vale a pena nos corrigirmos e dizer que as questões se duplicam por falta precisamente de

2. Detenhamo-nos em questões mais específicas, retornando ao caráter de *reação* da angústia. Trata-se de uma reação defensiva diante de uma situação de perigo, uma reação que prepara a fuga, isto é, alguma ação de afastamento do perigo. Nesta perspectiva a angústia é entendida como um procedimento defensivo de autoconservação. Começamos a compreender por que, no texto *Inibição, sintoma e angústia*, Freud retoma a velha noção de defesa. Retoma-a de maneira explícita,

inclusive situando sua retomada diante de sua longa ausência em favor da prevalência do conceito de recalque. Agora, diz Freud⁵, o recalque deve ser entendido como um dentre outros procedimentos de defesa, não mais obtendo o privilégio de absorver para si, ainda que o tivesse feito de maneira mais precisa, a função de defesa. A retomada dessa velha noção parece mesmo ter o efeito de uma regressão no progresso freudiano. Como se fosse uma retomada desde atrás para seguir outros desenvolvimentos. Tal interpretação é abonada por certa expressão utilizada por Freud no texto, a saber, "mecanismos de defesa do eu"⁶, e a retomada deste caminho analítico pode ser muito bem exemplificada pelas construções da "herdeira" de Freud, sua filha, Ana.

Mas não haverá aí um mal entendido? Afinal de contas, não se pode anular o intervalo que vai das primeiras formulações da defesa, em 1895, a esta sua retomada, em 1926. Um intervalo conceitual, queremos dizer, no qual a psicanálise mesma é construída. Ora, o próprio texto *Inibição, sintoma e angústia* não deixa por menos os ganhos desse período, ao contrário permite-nos compreender que a retomada do conceito ou noção de defesa somente se faz possível graças ao ganho advindo nesse dito intervalo, de tal maneira que a indicada retomada não significou uma regressão da psicanálise para buscar outros caminhos. É a partir de uma aproximação do eu ao narcisismo que se pode falar, em novos termos diferentes dos anteriores, de defesa: trata-se de uma defesa narcísica e não simplesmente autoconservadora.

A angústia que aciona a defesa, que cria o recalque (ela já não é mais efeito do recalque, mas ganha a especificidade de eliciadora do recalque) é entendida por Freud como um afeto de origem outra que não a libidinal⁷, impõe-se diante de um perigo narcísico. A angústia é

entendida, então, como sinal, produzida pelo eu, diante do perigo, de uma ameaça ao narcisismo, que aciona o recalque. É paradigmática, assim, a "angústia diante da ameaça de castração". A ela Freud aproxima a "angústia de morte".

Acontece que as expressões "angústia de castração" e "angústia de morte" (e o próprio termo "perigo") apontam para uma certa negatividade ou ameaça de ausência diante do que a angústia se instalaria. Assim, na ameaça de castração, uma perda com reper-

Voltemos, então, ao texto freudiano sobre Inibição, Sintoma e Angústia para marcar que o dito perigo da castração traz consigo um perigo mais originário, um perigo pulsional: "O agorafóbico impõe uma limitação a seu eu para subtrair-se de um perigo pulsional. Este último é a tentação de ceder a suas concupiscências eróticas..."⁸ Se tais concupiscências fazem despertar, como na infância, o perigo da castração, não é, no entanto, sobre o fato da ausência implicada no termo "castração" que Freud continua a

A angústia adquire o valor de "presença" em face da possibilidade da ausência, ou de "positividade" diante da negatividade.

cussões narcísicas, e na possibilidade da morte, a perda da própria vida. A angústia adquiriria o valor da presença em face da possibilidade da ausência ou o da positividade diante da negatividade. Entendendo desta maneira, estaríamos detidos na superficialidade da expressão "angústia de castração"; estaríamos tomando-a de modo descritivo e final. Podemos mostrar que, assim fazendo, não correspondemos ao encaminhamento freudiano, que nos leva a compreender a expressão "angústia de castração" com o peso de um "conceito", que, como tal, avoca a si relações muito mais complexas do que simplesmente descritivas no entendimento da angústia.

desenvolver a sua meditação, mas, ao invés, o que coloca como questão a servir de fio condutor do argumento de seu texto é o "perigo". Podemos acompanhá-lo: "É mais correto dizer que os sintomas são criados para evitar a situação de perigo que é sinalada mediante o desenvolvimento de angústia. Pois bem, nos casos considerados até agora esse perigo era o da castração ou algo derivado dela."⁹

Buscando delimitar a possibilidade de que "a angústia não se limite a ser um sinal-afeto, senão que seja também produzida como algo novo a partir das condições econômicas da situação"¹⁰, Freud

aproxima-se do nascimento como primeira vivência de angústia, mas para se opor à tese de que o angustiante dessa vivência seja a separação da mãe ou a perda do objeto¹¹. É daí que, no capítulo seguinte, Freud pergunta-se:

“Bem; mas que é um “perigo”? No ato de nascimento ameaça um perigo objetivo para a conservação da vida. Sabemos o que isso significa na realidade, mas psicologicamente não nos diz nada”¹²

Freud então vai mostrar que o que o nascimento impõe de perturbação econômica, portanto (meta)psicologicamente dizível, é a irrupção de grande soma de excitações impossibilitadas de fazer caminho, trazendo o perigo do *desvalimento* psíquico que no lactente seria o correspondente de seu desvalimento biológico. Em todo o capítulo, Freud se esforça em mostrar que nas diversas formas de angústia-sinal ou na forma de angústia automática, o perigo de desvalimento se apresenta diante da possibilidade do aumento de excitação impossível de ser transitada (angústia-sinal) ou diante da presença efetiva de uma tal soma de excitação (angústia automática). Seria então fácil concluir pela afirmação de que o angustiante é a presença, presença da excitação, ou da vida, não fosse o desvalimento ser, ele mesmo, a angústia, o afeto-angústia. Neste último caso, a angústia, ela, é a ausência ou tem como sentido prototípico a ausência. Desmonta-se, desta maneira, o que a nosso pensar cotidiano parece tão familiar, a saber, a idéia da angústia, do sentimento ou do afeto como presença. O texto freudiano nos indica alguma coisa diversa, a saber, a angústia como sentimento de desvalimento (ausência) diante de uma presença.

No caso da angústia-sinal, produzida pelo eu na perspectiva do desvalimento, a angústia ainda pode ser entendida como presença, e seu caráter de antecipação de uma presença (pulsional), somente

apreensível metapsicologicamente, fica, por isso, apagado. É daí que na presença das diversas formas de angústia-sinal, as de castração, de morte, de perda do objeto amado, a angústia se nos afigura, descrita fenomenologicamente, como angústia de ausência, angústia em face da perspectiva de uma ausência.

O que isso tudo faz configurar a nossos olhos muito mais do que à nossa compreensão que seria mais facilmente convertida em palavras não é o privilégio da presença ou

da perversão no neurótico que não é perverso, portanto uma presença e uma ausência: presença na fantasia, ausência no ato. Da mesma maneira que no desenvolvimento da angústia está suposta a presença pulsional (o excesso de excitação acumulada) e a ausência narcísica (o desvalimento). É desta maneira que metapsicologicamente, isto é teoricamente, a representação desse “e”, que perturbadoramente se aproxima do “ou” como realizado no imperativo-demanda “a

O perigo da castração traz consigo um perigo mais originário: a ameaça que provém da pulsão.

da ausência e muito menos a afirmação de uma relação de exclusão entre elas. Também não parece satisfazer, no sentido de dar conta resumida dessas formulações, um certo entendimento que possa ser expresso como “a presença na ausência” ou “o positivo no negativo”, que são, de resto, compreensões com um cunho romântico ou mesmo humanista (no sentido de uma certa concepção criacionista, mais ou menos bem fundada). Talvez se aproxime o entendimento que se expressa em “presença e ausência”, “positivo e negativo”, como quando se diz, por exemplo, que a neurose é o negativo da perversão e se faz apontar a positividade da presença

bolsa *ou* a vida?!” onde se sabe que somente por obra do acaso não se perde as duas, a representação desse “e”, repetimos, faz-se por distinção de instâncias, que leva consigo uma exigência de figuração e metaforização sempre renovadas.

3.

Voltemo-nos para o texto freudiano mais tardio, que nos ajuda a expressar resumidamente a origem e a fonte da angústia e nos permite, ainda, precisar o aludido desvalimento que na pressa de qualificativo temos chamado narcísico.

“Que é em verdade o perigoso, o temido em cada uma de tais situações de perigo? [...] O essencial no nascimento, como em qualquer outra situação de perigo, é que provoque no vivenciar anímico um estado de excitação de elevada tensão que seja sentido como desprazer e do qual não se pode assenhorar-se por via de descarga. Chamamos fator traumático a um estado assim, em que fracassam os empenhos do princípio de prazer [...] o temido, o assunto da angústia, é em cada caso a emergência de um fator traumático que não possa ser tramitado segundo a norma do princípio de prazer.”¹³

em fazer tramitar a excitação excessiva a responsável pela angústia. Na primeira, sua função é de presença, na segunda, de ausência. Mas não é ausência absoluta, e sim relativa à irrupção excitadora. Talvez o que o protótipo da angústia de nascimento ensine é que a assim chamada por Freud “instância quase onipotente do princípio de prazer”¹⁴ encontre neste “quase” o significante de sua radical insuficiência. Esse princípio (de prazer) parece requerer algo mais para sua eficácia, mesmo que esse algo mais seja sempre limitado e constitua a condição de angústia da existência humana. Tomado em tal

de processo primário, para a exigência de instituição do processo primário. O que falta para o valimento do princípio de prazer é aquilo que Freud chama de “eficácia psíquica”¹⁵ da pulsão, um caminho que vá da fonte à meta pulsional, um trâmite, uma via; noutras palavras, qualquer vestígio de aparato anímico que forneça meio para e de satisfação pulsional, um mínimo de representação-coisa.

Se aproximarmos os modos de compreensão da angústia originária da primeira e desta última teoria, no que diz respeito à participação da elaboração psíquica, é notável, em ambos os modos de compreensão, a sua ausência: no primeiro, a participação psíquica está ausente à formação da angústia, por suficiência do princípio de prazer; no último, a insuficiência do princípio de prazer, pela ausência de eficácia psíquica, constitui-se angústia no primeiro, ausência porque dispensável (presença pulsional para a qual não faz falta elaboração psíquica); no segundo, ausência causativa (presença pulsional para a qual faz falta elaboração psíquica).

Os meios para que o Princípio do Prazer possa funcionar não são “naturais”, mas “construídos” - é o que nos mostra a angústia do nascimento.

O desvalimento, portanto, é o desvalimento do princípio de prazer em face de uma certa quota de excitação. O sentimento de desprazer daí decorrente pode ser entendido como o sentimento de angústia, o afeto-angústia, tendo por protótipo a situação do nascimento. Aqui o princípio de prazer tem uma função distinta daquele expresso na primeira teoria da angústia. Lá, ele era responsável pela mudança do excesso de excitação acumulada (da libido, pois é de libido que lá e aqui estamos falando, é da vida que se trata) em angústia; agora é a sua insuficiência

em perspectiva, a surpresa de vermos Freud nomeá-lo “instância” se desfaz na compreensão de que esse princípio não traz consigo os meios de sua eficácia; ao contrário estes são “construídos”. Podemos dizer de maneira diferente: a pulsão não possui os meios de sua descarga, de sua satisfação, uma instância para tal se faz necessária o princípio de prazer é um princípio pulsional e requer meios para sua eficácia. O protótipo da angústia de nascimento nos ensina que esse requerimento não diz respeito simplesmente à instituição de processos secundário de satisfação, mas aponta para o vazio

Conclusão

É realmente à vida que se reage com angústia; e a situação traumática de que fala Freud na citação acima transcrita é, verdadeiramente, constitutiva, pois é à invasão pulsional que se reage com angústia. A angústia é uma paixão, no sentido originário do termo, à ação pulsional. Para utilizarmos expressões próprias a *Além do princípio de prazer*, e retomarmos a conclusão de um outro texto¹⁶, que ensejou o desenvolvimento destas reflexões sobre a angústia, poderíamos dizer que a angústia é indício de afastamento do suposto estado anterior de repouso, indício de afastamento da morte; ela não denuncia a presença da pulsão de morte, mas de seu oposto, da pulsão de vida, sexual ou erótica.

Na forma secundária e mesmo sintomática da angústia, a angústia-sinal, encontramos-nos novamente diante do princípio de prazer, desta vez em sua positiva "quase onipotência", diz Freud:

"Tendemos a representar o eu como impotente frente ao isso, mas, quando se revolta contra um processo pulsional do isso, não lhe basta mais do que emitir um *sinal de desprazer* para alcançar seu propósito com a ajuda da instância quase onipotente do princípio de prazer"¹⁷

Estabelecendo a presença da angústia de castração expressas nessas fobias medo de ser mordido pelo cavalo, para Joãozinho e medo de certa posição do lobo, que subroga um certo desejo homossexual e a conseqüente ameaça de castração, para o Homem dos Lobos, - e estabelecendo também a presença de outras formas de angústia - angústia oral de ser devorado pelo lobo, p. ex. Freud aponta para o fato de que esses objetos fóbicos (o cavalo e o lobo) representam os respectivos pais de maneira muito

mesmo nas formas secundárias e extremamente elaboradas da angústia, impõe-se a idéia da presença angustiante, seja entendida como a ameaça de presença da pulsão que se esforça desde o recalcado, como prefere compreender Freud, seja entendida como virtualidade da presença do objeto do desejo, no sentido que, parece-nos, Lacan prefere desenvolver.

NOTAS

1. Cf., p. ex., Freud (1895b) «Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de "neurosis de angustia"». Em: Sigmund Freud, *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1ª ed., vol. 3, pp. 85ss, dentre muitos outros textos, rascunhos e correspondências do período.
2. Freud (1950a) [1894]. «Manuscrito E: "¿Cómo se genera la angustia?"». Em: Sigmund Freud, *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1ª ed., vol. 1, p. 230 e 231.
3. A idéia do eu como reservatório de angústia é explicitada por Freud (1926d), «Inhibición, síntoma y angustia», em: Sigmund Freud, *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1ª ed., vols. 20, p. 89. É uma idéia, parece-nos, sobre a qual pouco se refletiu, não obstante se impor, quase imediatamente, um paralelo com a idéia do eu como reservatório da libido, estabelecida a partir da segunda tópica.
4. A relação nominal entre afeto e angústia aparece de maneira bastante explícita nos textos ditos "metapsicológicos", privilegiadamente em Freud (1915d) «La represión», particularmente p. 148-52, e Freud (1915e) «Lo inconciente», particularmente p. 179-81. Ambos em: Sigmund Freud, *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1ª ed., vol. 14. Esses textos são, aliás, constituídos sob o peso da 1ª Tópica, e, neles, a tematização da angústia muito mais levanta questões do que viabiliza soluções.
5. Freud (1926d), *op. cit.*, p. 109.
6. Idem, p. 110.
7. Ver idem, p. 89.
8. Idem, p. 120.
9. Idem, p. 122.
10. Idem, p. 123.
11. Idem, p. 124.
12. Idem, p. 128.
13. Freud (1933a) «Angustia y vida pulsional», 32ª conferencia de «Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis», em: Sigmund Freud *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1ª ed., vols. 22, p. 87.
14. Freud (1926d), *op. cit.*, p. 88.
15. Freud (1933a), *op. cit.*, p. 89.
16. Celes, L. (1994) «A história e o estranho». Em: *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 2, n. 2, no prelo (Núcleo de estudos e Pesquisas da subjetividade, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP).
17. Freud (1926d), *op. cit.*, p. 88.
18. Idem, p. 99-100.

O modo privilegiado de que Freud se utiliza para elaborar as relações da angústia com o objeto é o estudo da fobia.

Neste caso, não somente formas de processo primário estão constituídas, mas também de processo secundário. Desta maneira, além da relação da angústia com a pulsão, tem sentido falar-se da sua relação com o objeto. A este respeito, trago mais uma pequena contribuição para encerrar estas reflexões.

O modo privilegiado de que Freud se utiliza para elaborar as relações da angústia com o objeto é o da forma sintomática daquela: a fobia. Em *Inibição, Sintoma e Angústia*, Freud toma como exemplo para seu desenvolvimento os casos de Joãozinho e do Homem dos Lobos, suas fobias infantis do cavalo e do lobo, respectivamente.

particular. O fato de que esses objetos fóbicos, cada um no seu caso respectivo, foram escolhidos à raiz de uma certa associação de *prazer* (i.e., meio de tramitação da excitação ou meio de satisfação da pulsão) constituída entre eles e os pais Joãozinho e o Homem dos Lobos brincavam com seus pais de cavalinho e de lobo, brincadeiras que lhes eram muito prazerosas.¹⁸ Encontramos também em Freud, ainda que não explorada em todas as suas conseqüências, mas indicada em seus termos, a idéia de que, nestes casos de fobia ou angústia-sinal, o angustiante é a ameaça ou a virtualidade, se se quer, da presença do objeto de desejo. Assim,